

FORMAÇÃO DE UMA ECONOMIA PERIFÉRICA: O CASO DO PARANÁ

PEDRO CALIL PADIS

Ed. Hucitec, 1981, São Paulo

Oswaldo M. Serra Truzzi

O livro do prof. Pedro Calil Padis* recém-editado nos apresenta uma riquíssima caracterização da evolução dos fenômenos econômico-sociais estudados sobre uma fase espacial: o estado do Paraná.

Interpretando a história econômica e política desse estado e sempre buscando relacioná-la com os matizes e determinantes externos mais gerais do conjunto da sociedade brasileira, o estudo tem seu tom dado pela constante reflexão acerca da problemática desenvolvimentista que aflige tão caracteristicamente as formações econômicas periféricas. Nesse sentido, obtém pleno êxito em desvendar os empecilhos do desenvolvimento econômico típico da área em questão e os desequilíbrios regionais daí decorrentes; de forma a integrar o esboço dos ciclos econômicos por que passou a região com os processos locais de colonização, migração, transformações na estrutura agrária, urbanização, etc...

Percebendo que o estado do Paraná se formara historicamente em períodos diferentes, respondendo a ciclos econômicos que tiveram lugar em áreas distintas e pouco relacionadas entre si, o autor analisa, apoiado em vasta pesquisa documental, a evolução econômica de três regiões básicas:

1) o dito "Paraná velho", uma área de ocupação mais antiga que se estruturou em torno das cidades de Paranaguá, num primeiro momento, e depois Curitiba, onde as atividades extrativas do mate e da madeira e a pecuária desempenharam papéis importantes.

2) o norte paranaense, cuja economia a partir de 1945 pautou-se pela extensão da atividade cafeeira de São Paulo, mas cujos reflexos para o próprio Paraná assumiram contornos muito pouco semelhantes em relação ao que ocorreu com o complexo cafeeiro paulista. Enquanto este pode servir de lastro à futura industrialização paulista, a atividade cafeeira no norte do Paraná, ainda que muito significativa e importante para a economia do estado, já surge totalmente vinculada e subordinada econômica e politicamente ao estado paulista, tornando-se com isso mais e mais dependente.

3) o sudoeste paranaense, ocupado mais recentemente, já que se constituía em fronteira agrícola pelos idos de 1950 — uma área potencialmente fornecedora de produtos

* Escrito originalmente em 1970 como tese de doutoramento. O autor pretendia, pouco antes de sua lamentável morte em abril de 1980, realizar uma revisão do texto e posteriormente publicá-lo, o que infelizmente não foi possível.

primários e que experimenta intenso crescimento populacional, decorrente de fortes fluxos migratórios gaúchos.

A partir desse quadro, esboça-se uma série de problemas relativos às dificuldades de integração econômica entre as regiões do estado, em decorrência das relações de dependência características das atividades exportadoras que se impunham primeiramente com o exterior e num segundo instante com São Paulo. Nestes termos, a permanente descontinuidade entre os ciclos da economia paranaense forjaria poderosos fatores adversos ao processo de seu desenvolvimento econômico.

Enfim, num traço geral, vale dizer que o livro se constitui em leitura fundamental àqueles que se preocupam com o desenvolvimento e desequilíbrio regionais, seja pela riqueza de suas interpretações e de suas fontes, seja pelo considerável esforço na direção de uma visão de conjunto do estado paranaense que se desenvolve desde os primórdios de sua ocupação até a época atual.

O BRASIL PÓS-"MILAGRE"

CELSO FURTADO

Editora Paz e Terra, 1981, São Paulo

Jairo Cesar Sidnei

Neste novo livro, Celso Furtado nos convida a refletir sobre a realidade presente do Brasil, com a autoridade de cientista social que vem se dedicando a esse objetivo há mais de 25 anos.

Dentro dessa perspectiva, o autor se questiona sobre o distanciamento intelectual dos cientistas sociais em relação à realidade brasileira, onde transparecem a miséria e o luxo convivendo numa mesma sociedade, que traz em seu bojo um passado de tentativas frustradas de transformação. Pergunta-nos como conciliar essa realidade com as potencialidades do país e com o notável esforço de desenvolvimento já realizado.

Entretanto vai ainda mais longe na medida em que formula propostas para modificar essa realidade — de crise — provocada por anos de miopia dos nossos formuladores de política econômica, que insistem em negar-se a ver os problemas estruturais.

Recoloca a discussão sobre o processo de desenvolvimento no seu rumo certo, distinguindo-o do processo de modernização, que conduziria os agentes sociais à atitude passiva de meros assistentes. A isto contrapõe um participação ativa da população, fato esse que o autor condiciona à acumulação do conhecimento capaz de se transformar em instrumento de atuação sobre a realidade.

A obra está estruturada de forma que se possa primeiramente apreender a análise do autor do período *ex-post* "milagre". Desse modo, procura nos inteirar das opções existentes no começo dos anos 60 e de como os estrategistas do Governo conduziram a Economia aos descaminhos em que se encontra desde 1974.

Num segundo momento, aborda o quadro internacional na busca de uma visão global da realidade presente — exercício necessário em face da nossa situação de país dependente.

em busca de um destino próprio. Como acentua Celso Furtado neste tópico, é preciso ressaltar o conflito entre objetivos de empresas transnacionais e da sociedade, colocando-se assim a necessidade de um centro de decisão para coordenação da economia mundial.

Na última parte do ensaio, aborda o caso nordestino, mostrando que uma nova política para o Nordeste implicaria em uma nova política para o Brasil, política esta associada à descentralização, com maior autonomia regional.

Trata-se sem dúvida de um trabalho que reflete a lucidez do autor, tanto no que diz respeito à análise da situação atual como na apresentação de alternativas para sua transformação.